



Luiz Carlos Uchôa Junqueira Filho

PSICANÁLISE

# O “estranho encontro” entre o eu e o outro

*Sobre os destinos da dor mental*

**Blucher**

O “ESTRANHO  
ENCONTRO” ENTRE  
O EU E O OUTRO

*Sobre os destinos da dor mental*

Luiz Carlos Uchôa Junqueira Filho

O “*estranho encontro*” entre o eu e o outro: sobre os destinos da dor mental

© 2023 Luiz Carlos Uchôa Junqueira Filho

Editora Edgard Blücher Ltda.

*Publisher* Edgard Blücher

*Editores* Eduardo Blücher e Jonatas Eliakim

*Coordenação editorial* Addressa Lira

*Produção editorial* Thaís Costa

*Preparação de texto* Bárbara Waida

*Diagramação* Guilherme Salvador

*Revisão de texto* MPMB

*Capa* Laércio Flenic

*Imagem da capa* L'Impossible [O impossível]; 1944, bronze, 79 x 80 x 47 cm,

MAM, Rio de Janeiro.

---

# Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

[contato@blucher.com.br](mailto:contato@blucher.com.br)

[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

6. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

*Portuguesa*, Academia Brasileira de Letras, julho

de 2021.

É proibida a reprodução total ou parcial por

quaisquer meios sem autorização escrita da

editora.

---

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard  
Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação

na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

---

Junqueira Filho, Luiz Carlos Uchôa

O “estranho encontro” entre o eu e o outro :  
sobre os destinos da dor mental / Luiz Carlos

Uchôa Junqueira Filho. – São Paulo : Blucher, 2023.

264 p.

Bibliografia

ISBN 978-85-212-2136-4

1. Psicanálise 2. Saúde mental I. Título

23-4991

CDD 150.195

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

# Conteúdo

1. O encontro imprevisível entre o eu e o outro	15
2. Protagonistas	25
3. Wilfred Owen: o poeta mártir	29
4. A dor psíquica na visão de Bion	81
5. Jorge Semprún	127
6. Primo Levi: a dor de ter sido um homem	133
7. Uma matéria-prima misteriosa	147
8. <i>De profundis</i> : quando a dor se sobrepõe à beleza	155
9. Espectadores da dor alheia: a saga de Susan Sontag	167
10. Johnny ou Joe: o sofrimento de uma consciência encarcerada	185
11. Duas dores atípicas: a libido elegíaca e a libido incestuosa	193
12. Humor: a desforra de plantão	207

13. Sentimento, linguagem e pensamento: a “grande simplicidade” em Bion	213
Apêndice I: destrutividade	245
Apêndice II: um diálogo performático entre Psique e Soma	253
Referências	257

# 1. O encontro imprevisível entre o eu e o outro

Não por acaso, coube aos filósofos ocuparem a linha de frente na observação do vasto universo que se estende entre o eu e o outro, algo que sempre interessou aos espíritos poéticos e, no curso da vida cotidiana, está sempre presente, frequentemente de forma larvada, equiparando o sublime com o corriqueiro.

Um exemplo do primeiro caso encontraremos no Capítulo XII do Purgatório, quando Dante sente-se subitamente mais leve, mas fica refém de Virgílio para encontrar uma explicação para o fenômeno. Ocorrerá que um anjo roçara suavemente sua testa com a asa, apagando a primeira letra P (de pecado) que estava ali inscrita, sem que ele pudesse enxergar a mudança: para tanto, dependia de um outro. Por outro lado, recentemente um grupo de neurocientistas debruçou-se sobre um fenômeno corriqueiro da vida cotidiana: o fato de não conseguirmos fazer cócegas em nós mesmos, já que, nesta circunstância, o corpo defensivamente diminui a percepção sensorial.

Eu e outro, pelo jeito, nasceram xifópagos, algo que aflora naturalmente em artistas como o famoso fotógrafo Henri Cartier-Bresson, que se comparou a um arqueiro zen que precisa transformar-se em

seu alvo antes de poder atingi-lo. Ele, aliás, ao enunciar que “pensar é algo que tem de ser feito antes e depois de tirar uma foto, nunca durante o ato de fazê-lo”, estava em uníssono com psicanalistas como Bion, para quem o desejo nunca deveria se interpor a uma observação isenta.

É preciso sempre reconhecer que a apreensão da alteridade será tanto mais precisa quanto mais concentrado for seu foco, ou, na expressão poética de Wallace Stevens, “a identidade é o ponto de fuga da aparência”. Como veremos adiante, o olhar ensaístico de Susan Sontag detectou que a fotografia, como forma privilegiada de autoexpressão, é vista ou como uma aguda manifestação do eu individualizado, ou como um meio de projetar-se no mundo desviando-se de suas insolentes e inoportunas pretensões. Esse enunciado, porém, só pôde ser construído anos depois que ela se conscientizou do sofrimento humano causado por guerras, genocídios, ataques terroristas e chacinas anônimas.

Traumatizada com este acúmulo de cenários dantescos, ela viu-se convocada a abraçar a cruzada de instrumentalizar “com a delicadeza possível” essas memórias dolorosas, reconhecendo que a fotografia talvez fosse o instrumento mais eficaz para fazê-lo: não seria ousado concluirmos terem sido essas as raízes de dois livros excepcionais, *Sobre fotografia*, de 1973, e *Diante da dor alheia*, de 2003, em que o registro fotográfico é esmiuçado como ferramenta ética e moral.

“A câmera não estupra, nem mesmo possui, embora possa atrever-se, intrometer-se, atravessar, distorcer, explorar e, no extremo da metáfora, assassinar – todas essas atividades que, diferentemente do sexo propriamente dito, podem ser levadas a efeito à distância e com certa indiferença” (Sontag, 2006, p. 23). Lembremos que o homem “primitivo” se sentia apreensivo ao ser fotografado, suspeitando tratar-se de algum tipo de transgressão, de desrespeito, um saque sublimado da personalidade ou da cultura, enquanto os homens

“industrializados” procuram ser fotografados por se imaginarem imagens que se materializam através das fotos (Sontag, 2006).

Shakespeare, no Soneto 121, já nos alertava que “Mais vale ser vilão, que vilão ser julgado,/ Quando, embora não sendo, a censura se sofre;/ Não é justo prazer que alguém seja estimado/ Pelo que outrem vê e não sente nossa alma”: a lição dessa ponderação é que até um elogio recebido precisa ser avalizado pela sinceridade interior, ou seja, cabe ao sujeito acatar ou rejeitar a opinião alheia a seu respeito.

No seu *De Profundis*, Oscar Wilde (2004) advertia sobre os perigos da imitação: “A maior parte das pessoas se travestem de outras pessoas: seus pensamentos foram roubados delas; suas vidas são imitações, suas paixões meras citações”. Na peça *Um marido ideal*, a advertência se dirige à manipulação da moralidade: “A moralidade é simplesmente a atitude que adotamos contra as pessoas que pessoalmente nos desagradam”. Dostoiévski exalta a necessidade de originalidade, até na mentira, para que nós humanos não sejamos meros papagaios de outrem.

Mas, antes de prosseguir, seria útil nos inteirarmos, a partir do artigo de Rocha (2006), sobre a *philia* na metafísica de Platão e na ética de Aristóteles, em que fica patente que “O amigo é um outro si mesmo”.

No seu diálogo *Lysis*, Platão, por meio de Sócrates, tenta definir a amizade (*philia*) usando duas aporias: uma em relação à reciprocidade, e a outra, à conveniência da semelhança ou da diferença entre os amigos. Para ele, uma verdadeira relação de amizade depende de reciprocidade, esta só podendo estar ausente no amor-desejo ou amor erótico, em que a unilateralidade pode acontecer. Quanto à semelhança entre as partes, esta seria improdutiva por atrelar-se ao já conhecido, enquanto na relação intersubjetiva o outro não é apenas um desdobramento do eu, mas um outrem possuidor de uma diferença enriquecedora.

Aristóteles inicia seu estudo da *philia* no Livro VIII da *Ética a Nicômano* dizendo que: “O homem é um animal político, cuja natureza o destina a viver com os outros, a *conviver*”. Isso está em sintonia com a tradição helênica expressa por Eurípides: “É um prazer poder partilhar a felicidade com amigos, mas – que Deus não o permita! – se uma desgraça sobrevier, é doce mergulhar o olhar nos olhos de um amigo”. Ou, no inspirado resumo de Aristóteles: “O amigo, sendo um outro si mesmo, fornece o que não se pode prover com seu próprio esforço”.

Ou seja, a amizade ocupa o centro de seu pensamento ético e político, já que não é um mero sentimento de benevolência ou intercâmbio sentimental, mas uma verdadeira virtude, já que eu só posso “tornar mais meu o ser que sou” (Heidegger) por meio da mediação e do reconhecimento do outro diverso de mim. Esse desdobramento do sujeito num outro de si mesmo já assinalado na metafísica aristotélica estabelece a mediação do outro como elemento indispensável para a constituição da subjetividade que a filosofia, as ciências contemporâneas do homem e, particularmente, a psicanálise vêm destacando de modo especial.

Martin Buber, professor de filosofia da religião e ética judaica, tornou-se conhecido por seu livro *Eu e tu*, baseado nas palavras primordiais *eu e tu* e *eu e isso*: enquanto o tu abarcaria tudo que não pode ser objetivado ou esgotado pela consciência, o isso diria respeito à experiência de objetificação. Em sua acepção, o mundo relacional ocorreria em três esferas: a vida da natureza; a vida entre os homens, intermediada pela linguagem; e a vida com as formas inteligíveis, que engendraria uma linguagem própria.

No caso de nosso convívio com os homens,

*A linguagem se completa prolongando-se no discurso de sua réplica. Somente aqui a palavra explicitada na*

*linguagem recebe sua resposta. Somente aqui a palavra fundamental regressa e avança da mesma forma, a palavra da invocação e a palavra da resposta se formulam e vivem numa mesma linguagem; o eu e o tu estão aqui, não somente em relação, mas em leal intercâmbio. Aqui, e somente aqui, os momentos da relação estão ligados entre eles pelo próprio elemento da linguagem no qual estão imersos. Aqui, aquilo que nos confronta se expande na realidade plena do tu. Por conseguinte, somente aqui nos sentimos realmente contempladores e contemplados, conhecedores e conhecidos, amantes e amados. (Buber, 1974, p. 91)*

A literatura, de braços dados com a mitologia, logo se apercebeu das implicações psicossociais do convívio entre o eu e o outro: Cervantes, por exemplo, prenuncia a amizade mítica entre Dom Quixote e Sancho afirmando que na Idade do Ouro não havia distinção entre o eu e o tu. Esta bandeira foi sendo defraudada ao longo da história por todas as sensibilidades poéticas, seja em nível épico, caso de Dante e Shakespeare, seja em nível profano, como o famoso enunciado de Rimbaud: “*Je suis l'autre*”, eu sou o outro.

Plauto, o grande comediógrafo latino, discute em profundidade a questão do duplo no seu *Anfitrião*; por outro lado, na literatura narrativa ou dramática, a expressão *alter ego* popularizou-se, designando a pessoa que faz contraponto ou complementa as qualidades ou atributos de outra. O conceito de duplo, no entanto, abarca uma gama mais complexa de fenômenos, como as personalidades divididas, as imagens especulares, os gêmeos e os sócias, as usurpações de identidade, as aparições disfarçadas do eu, as sombras, os fantasmas, as possessões demoníacas e as visitas dos mortos. Desde tempo imemoriais, o assunto tem suscitado explicações místico-religiosas,

reflexões filosóficas e criações artísticas, mas, a partir do século XIX, tornou-se um tema preferencial da literatura romântica ou gótica e das investigações psicanalíticas.

No campo da psicopatologia, seria interessante recordarmos três movimentos que despontaram no período cognominado primeira psiquiatria dinâmica (1775-1900). O primeiro envolveu o “magnetismo animal” como tentativa de remover as possessões demoníacas, que foram cedendo espaço para a emergência de casos de personalidades múltiplas. Depois, desde a Renascença, os estudiosos se interessaram por um poder da mente rotulado de *Imaginatio*, fonte daquilo denominado sugestão e autossugestão. Ao redor de 1784, um terceiro processo predominou como via de acesso à mente “inconsciente”, o “sonambulismo artificial”, precursor do hipnotismo, que ao longo da história foi descoberto, esquecido e redescoberto.

Neste breve apanhado, interessam-nos sobremaneira os casos de personalidades múltiplas, inaugurados numa das peculiares *Confissões* de S. Agostinho, que, após sua conversão, sentiu-se perseguido por sua antiga personalidade pagã que insistia em visitá-lo em seu sonho, levando-o a discutir a questão da responsabilidade moral do sonhador.

Para ilustrar as implicações psicodinâmicas de um psiquismo tentando “administrar” diferentes personalidades, apresentarei brevemente o caso de Mary Reynolds, publicado pelo dr. John K. Mitchell ao redor de 1815:

*Ela nasceu na Inglaterra e ainda criança migrou para os Estados Unidos com a família. Eles se estabeleceram perto de Titusville, na Pensilvânia: este era um local ainda inóspito, habitado principalmente por índios e uns poucos brancos, e onde animais selvagens transitavam livremente. Na primavera de 1911, com idade de*

*19 anos, Mary embrenhou-se pelos campos com um livro na mão, tendo sido encontrada mais tarde desmaiada; ao recuperar-se, permaneceu cega e surda por cerca de seis semanas. Sua audição voltou subitamente, e sua visão gradualmente recuperou-se. Três meses depois, foi encontrada num sono profundo que durou muitas horas e do qual despertou tendo perdido a memória, e mesmo a própria fala. Sua condição parecia a de um bebê recém-nascido. Cinco semanas mais tarde, acordou uma manhã na sua condição natural mostrando-se surpresa com suas mudanças de estado, ignorando que qualquer coisa anormal tivesse ocorrido. Essas alternâncias de um estado para outro continuaram por cerca de 16 anos, mas finalmente cessaram aos 35 anos, abandonando-a permanentemente em seu segundo estado, no qual permaneceu até morrer em 1854.*

*As diferenças entre as duas personalidades eram bastante evidentes. Em seu primeiro estado, Mary era uma pessoa quieta, sóbria e pensativa com uma tendência à depressão e um pensamento arrastado desprovido de imaginação. Em seu segundo estado, ela era alegre, animada, extravagante, sociável, engraçada, piadista e com uma forte inclinação a produzir rimas. Suas duas escritas manuais eram totalmente diferentes. Estando num dos estados, ela tinha noção do outro, temendo regredir para ele, sendo que no segundo estado criticava os outros como estúpidos e insensíveis. (Ellenberger, 1970, p. 128)*

Nos estertores do século XIX, os fatores de motivação, troca de papéis, regressão e progressão da personalidade total foram invocados

como elementos na instalação desses quadros, aventando-se a hipótese de que, no fundo, representavam os esforços do organismo para viver, em épocas diferentes, novos sistemas de valores. Hoje em dia, provavelmente, muitos desses quadros seriam diagnosticados como distúrbios bipolares.

No campo psicanalítico, cita-se com frequência o famoso conto de Robert Louis Stevenson, “O médico e o monstro”, que, parafraseando o poema de Wilfred Owen que veremos a seguir, poderíamos denominar “O ‘estranho desencontro’ entre Dr. Jekyll e Mr. Hyde”, no qual um pacato médico, tendo descoberto uma poção mágica, deixa-se seduzir pela ambição humana de se transformar em uma personalidade mais livre e excitante, acabando nela aprisionado e vítima de seus aspectos sombrios e cruéis.

Na mesma linha, Melanie Klein divulgou o livro de Julien Green, *Se eu fosse você*, em que Fabien, um jovem insignificante em busca de glorificar-se, sujeita-se a fazer um pacto com o diabo, mediante o qual ele se habilitaria a trocar de identidade com quem quisesse, exceção feita a quem portasse uma alma pura. Sua ilusão era escapar do enfado de sentir-se aprisionado por toda a vida no mesmo corpo. Lançando-se com sofreguidão a este poder diabólico, ele logo se dá conta do péssimo negócio que fizera ao se perceber refém de um ser rabugento e reumático, de um assassino brutal com aspecto assustador, ou de um devoto hipócrita disfarçado de carola, mas afoito para exercer seu charme com cara de anjo... Ou seja, uma pequena obra-prima a nos alertar que o castigo de cobiçarmos a felicidade alheia é algo que vem a cavalo.

Essa configuração poderia ser considerada uma espécie de *Schadenfreude* modificada; de fato, a palavra alemã *Schaden* (prejuízo, desgraça, dano) acoplada a *Freude* (alegria, prazer) designa o prazer silencioso (ou às vezes público) que o ser humano nutre diante da desgraça alheia. Quem sabe o ego de Fabien tenha percebido o prazer espúrio que sua cobiça acabou propiciando a seu próprio alter ego?

Para encerrar este esboço sucinto do universo circunscrito pelo eu e pelo outro, sugiro que anos tentemos à tese de Erving Goffman, sociólogo canadense que em seu livro *A representação do eu na vida cotidiana*, valendo-se da metáfora teatral, concluiu que não há um verdadeiro eu, que sempre seríamos resultado da interação com outros e da imagem que fazemos de nós mesmos.

Os estadunidenses, como é do seu feitio, criaram recentemente em Stanford um Centro de Pesquisa em Compaixão e Altruísmo, provavelmente na expectativa de conseguirem descobrir o segredo da gratidão. Na minha opinião, isso não é algo que se ensina, mas algo que brota espontaneamente, como na já mencionada homenagem de Paulinho da Viola a Cartola.

## 2. Protagonistas

- **Wilfred Owen (1893-1918):** considerado o poeta mais inovador e influente da Primeira Guerra Mundial. Em 1915, alistou-se no Artists Rifles Regiment, sendo ferido três vezes e diagnosticado com “trauma de guerra”. Sua intenção era abraçar a bandeira da impiedade e da estupidez da guerra, como explica no prefácio ao livro que publicou com suas poesias um pouco antes de morrer como mártir, uma semana antes do armistício.
- **Wilfred R. Bion (1897-1979):** psicanalista inglês que participou da Primeira Guerra Mundial (pela qual recebeu três condecorações de herói) e, após graduar-se médico, foi introduzido à psicanálise por John Rickman (analisando de Freud) e Melanie Klein. Visitou o Brasil várias vezes, sendo sua obra extensamente difundida na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo.
- **Jorge Semprún (1923-2011):** escritor espanhol deportado para Buchenwald por ser comunista e que precisou digerir emocionalmente o trauma dessa experiência durante décadas,

até conseguir relatá-la ficcionalmente em 1994, em seu livro *A escrita ou a vida*, ou seja, serviu-se da escrita como único instrumento para aliviar seu sofrimento.

- **Primo Levi (1919-1987):** químico judeu deportado para Auschwitz entre 1944-1945, tendo publicado vários livros relatando os horrores dos campos de extermínio. Malgrado suas denúncias detalhadas do genocídio nazista, não suportou sua sobrevivência atormentada, tirando a própria vida.
- **Susan Sontag (1933-2004):** premiada escritora, ensaísta, cineasta, filósofa, crítica de arte e ativista, tendo escrito intensamente sobre fotografia, cultura e mídia, militando contra as guerras e a favor dos direitos humanos e participando de campanhas sobre a aids. Entre outras obras, publicou *Diante da dor dos outros*, *Sobre fotografia*, *Contra a interpretação*, *A psicologia da estupidez* e *A vontade radical*. Recentemente, saiu sua biografia, *Sontag: vida e obra*, por Benjamim Moser.
- **Oscar Wilde (1854-1900):** escritor, poeta e dramaturgo irlandês, conhecido por seu livro mais famoso, *O retrato de Dorian Gray*, mas que, em seu texto *De Profundis*, escrito na prisão, fez um relato pungente da dor emocional gerada por um trágico conflito amoroso.
- **Jean-Claude Carrière (1931-2021):** roteirista, escritor, diretor e ator francês, colaborador de Buñuel, Peter Brook, Nagisa Ôshima e Polanski, tendo roteirizado um filme de nove horas sobre o *Mahabharata*. Interessa-nos, em especial, seu livro *Fragilidade*, inspirado numa bela frase de Shakespeare: “Porém, o homem, o homem orgulhoso, investido com uma curta e fraca autoridade, ignorando completamente o que ele melhor conhece, ou seja, *sua essência frágil como vidro*, semelhante a um símio colérico, representa comédias tão grotescas diante do céu que faria chover os anjos ou, se tivessem o temperamento

de nossa natureza, rir como os mortais!” (*Medida por Medida*, ato II, cena 2, grifos meus).

- **Vassili Grossman (1905-1964)**: escritor ucraniano que escreveu *Vida e destino* e acompanhou, como jornalista, as batalhas de Moscou, Stalingrado, Kursk e Berlim, tendo sido um crítico ferino dos totalitarismos, tanto o hitlerista quanto o stalinista. Acompanhou também as perseguições antisemitas, sendo um dos primeiros a divulgar os horrores de Treblinka. Muitos, como George Steiner, o consideram o Tolstói do século XX.
- **Lúcio Cardoso (1912-1968)**: escritor brasileiro, autor da obra prima *Crônica da casa assassinada*. Algumas frases desse autor nos introduzem a seu espírito: “Não sou um escritor, sou uma atmosfera”; “Todas as paixões me pervertem, todas as paixões me convertem”; “Sou da raça dos que se alimentam de venenos”; “Escrever é um modo de agonizar de olhos abertos”.
- **Dalton Trumbo (1905-1976)**: escritor e roteirista estadunidense que, em virtude de seu ativismo-pacifista e seu envolvimento com o comunismo, acabou sendo convocado e preso pelo macarthismo. Seu livro mais famoso, *Johnny vai à guerra*, foi escrito após ter lido um relato dos sofrimentos de um soldado mutilado na Primeira Guerra Mundial.
- **Thomas Hobbes (1588-1679)**: filósofo político inglês, formado em Oxford, onde estudou lógica escolástica e a filosofia de Aristóteles. O sistema filosófico por ele concebido compunha-se de três partes: na primeira, estudou mecânica e geometria; na segunda, fisiologia e psicologia; na terceira, o “corpo artificial”, denominado sociedade ou Estado. Em seu livro mais famoso, *Leviatã*, um monstro marinho citado na Bíblia, ele representa o poder descomunal do Estado, criador de uma estrutura de domínio permanente expressa pela frase famosa “*Homo lúpus homini*” (“O homem é o lobo do homem”), repercutida por vários autores, entre eles Freud.

- **Mary Midgley (1919-2018):** filósofa moralista inglesa profundamente empenhada no estudo das correlações entre liberdade e moralidade, autora de várias obras, entre elas *O primata ético*.
- Ao final, dois apêndices são apresentados: “Destrutividade” e “Um diálogo performático entre psique e soma”.



*A mente se enobrece quando aprende a sofrer.*

Hamlet

*Busco a região crucial da alma onde o mal absoluto opõe-se à fraternidade.*

André Malraux

*Eu consigo encarar o Olho da Medusa, sem ter medo de ser petrificado.*

Wilfred Owen

*Uma análise bem sucedida pode diminuir o sofrimento [...] mas o intuito da análise é aumentar a capacidade do paciente para sofrer.*

Wilfred Bion

PSICANÁLISE

ISBN 978-85-212-2136-4

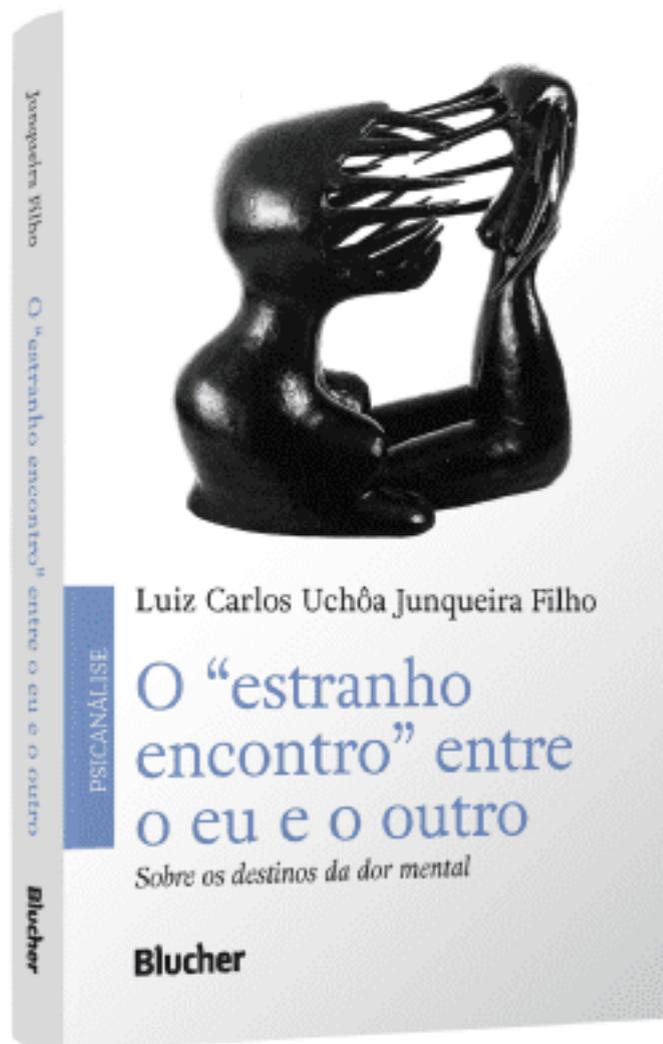


9 788521 221364



[www.blucher.com.br](http://www.blucher.com.br)

**Blucher**



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

## O "estranho encontro" entre o eu e o outro

### Sobre os destinos da dor mental

---

Luiz Carlos Uchôa Junqueira Filho

ISBN: 9788521221364

Páginas: 264

Formato: 14 x 21 cm

Ano de Publicação: 2023

---